

AYRTON SENNA DO BRASIL – 01 MAIO DE 1994: O DIA DO PESADELO.

NEP-MA, São Luís, MA, Brasil

Os primeiros raios de sol do dia, sem permissão, adentram pelas frestas das venezianas no meu quarto. Me alongo, ainda deitado na cama, como um felino preguiçoso. Não são ainda nem seis horas, mas meus dois gansos sinaleiros já reclamam por suas primeiras porções de milho do dia. O fato de ser domingo para eles é indiferente, assim como para os pombos, patos e galinhas do meu sítio. Levanto em câmara lenta.

Faço rapidamente a higiene pessoal, apanho na garagem um saco com 5 quilos de milho previamente acondicionados nestas quantidades, que eram distribuídos um pela manhã e outro no fim da tarde. Os dois sinaleiros já na minha cola, acompanhados pelas galinhas e patos. Os pombos dando rasantes em minha cabeça. Por vários minutos eu vagarosamente arremessava punhados de milho até acabarem os cinco quilos.

Cheio de farelo de milho, fui para o chuveirão que ficava na frente da casa, com vista para o mar, a uns quarenta metros acima. Se você conhece a vista que tem para o mar do Espaço 77, no Olho de Porco – Araçagi, sabe que é a mesma, pois, minha chácara ficava também nesta rua.

“Banhado”, sentei-me à mesa da varanda com Katia para tomar meu café da manhã de domingo. A saber, cuscuz com dois ovos estrelados, queijo assado e um achocolatado.

Os meus dois meninos ainda dormiam. Saímos de carro até a rotatória da Lusitana do Olho d’água. Era lá que eu comprava nos fins de semana meus jornais. Feito isso, retornamos.

Os garotos acordaram e foram brincar com seus cachorros Toy e Lella. Presente de Pergentino Pinheiro, meu amigo, para eles. Antes das nove horas já tinha lido os jornais, e cinco para nove chamei David e Marcos, com 8 e 6 anos, respectivamente, para dentro de casa.

Estamos em 1º de maio de 1994. Começaria, às nove horas, o Grande Prêmio da Itália de Formula 1. No sábado, ou seja, no dia anterior, eu tinha visto o treino classificatório, um dos mais confusos e trágicos que já acompanhei pela televisão. Com certeza a corrida seria tranquila, sem percalços. Acredito que eu tenha influenciado minha esposa e

meus filhos a acompanharem e gostarem de corridas de carros, especialmente as de Formula 1.

Tinha algo estranho no ar. Era visível o estresse dos chefes de equipes, mecânicos e, principalmente, dos pilotos de ponta. Anos depois, aos poucos, foram sendo divulgadas imagens das reuniões que aconteceram antes e depois dos treinos e antes da corrida, e assim soubemos o porquê daquele clima. Foram reuniões de alinhamento entre direção e pilotos. Isso não vem ao caso nesta crônica, pois aqui registro minhas lembranças daquele fim de semana em especial.

No Box da equipe Willians, isso no domingo, apareceu Ayrton Senna em pé, na parte de trás de seu carro, com as duas mãos em cima da asa traseira do veículo. Sem capacete, imóvel, de cara fechada, com um olhar fixo para o seu carro. Seu olhar não mudava de direção, era o mesmo ponto, como se ele procurasse algo que não estava visível para nós. Foram minutos nesta posição, mas que pareceram horas. Milhares de fotos registraram este momento único dele.

Após poucas voltas, logo no início da corrida, Senna passou direto na curva Tamburello, a mais de 300 km por hora. Bateu em cheio na grade de proteção, ficando seu carro de frente para onde ele deveria ter seguido depois de fazer normalmente a curva. A câmara focou à frente do carro, este sem sua roda dianteira direita. Começou aí o meu drama, drama de milhões de pessoas.

“Mexee a cabeça Senna, mexee a cabeça Senna”, repetia Galvão Bueno como se estivesse sussurrando no ouvido dele. Rapidamente o carro de segurança da prova tomou a frente dos bólidos de Formula 1. Da mesma forma, a equipe de socorro médico encostou no carro de Senna e com lençóis encobriram a visão das câmeras.

Galvão fazia conjecturas de como ele podia estar; Reginaldo Leme afirmava que nada pior poderia ter acontecido, tendo em vista que a corrida reiniciou normalmente e a regra sempre foi de que a corrida deve ser interrompida sempre que acontece algo pior. E isso não foi respeitado. Ai é outra história a ser contada.

No exato momento em que terminou a corrida, a FIA anunciou a morte de Ayrton Senna. Além da queda, o coice. Não lembro mais nada desta corrida. O que ficou em minha memória foi ele no Box, com as mãos no carro, o choque frontal na curva e o anúncio, pela direção de prova, de sua morte. Mais nada. Acho que foi a primeira e única vez que chorei na frente de meus filhos. Me senti abafado, estranho, sem entender como ele, logo ele, morreu.

O dia, que começou ensolarado, ficou repentinamente nublado. Já era quase meio dia e eu ainda estava na frente da TV, e todos os canais

abertos da época (ainda não tínhamos as SKY de hoje) só falavam neste acontecimento, e não era para menos. O mundo parou para chorar Senna.

No sábado eu havia marcado com o Desembargador Jorge Rachid de irmos, como sempre, à praia do meio. Katia arrumou os meninos e fomos ao compromisso com o nobre amigo e sua família.

Em 1994, ainda era possível ir aos domingos à praia do meio e desfrutar, sem percalços, daquele aprazível pedaço de litoral de nossa ilha. Hoje, até aos sábados está complicado.

Chegamos praticamente juntos, e feitos os cumprimentos de costume entramos direto no tema do acontecido com Ayrton Senna. Fui à praia achando que deixaria em casa este assunto, mas fez foi piorar. O Des. Jorge estava visivelmente transtornado, sem entender o acontecido.

Tomamos um banho de mar, não bebemos, muito menos comemos algo. O sol não deu as caras, então de comum acordo levantamos barraca e retornamos às nossas casas.

Não recordo como foi o restante do dia. Sei que lá se vão vinte e quatro anos, e gostaria de lembrar mais coisas deste 1º de maio de 1994, dia em que infelizmente perdemos um grande profissional, um grande homem que merece ser chamado de AYRTON SENNA DO BRASIL.

Por: Adm. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO 0296 MA